

**JBS S.A. — Bicheira (New World Screwworm) confirmada no Texas**

JBSS32 (B3) / JBS (NYSE) • 4/Jun de 2026 • Setor: Agro &amp; Alimentos — Proteínas

**Leitura: Negativo marginal e contido.** A bicheira pressiona justamente a unidade hoje mais fraca da JBS — a operação de boi nos EUA, que já opera no vermelho —, mas o impacto sobre o consolidado deve ser limitado pela diversificação. A maior linha de receita do grupo (boi EUA/Canadá, 32% das vendas) deu prejuízo em 2025 e, ainda assim, a JBS entregou US\$6,8b de EBITDA. Boi no Brasil e na Austrália tendem a se beneficiar de um déficit de proteína nos EUA.

**O que aconteceu?**

O USDA confirmou na noite de 3/Jun o 1º caso de New World screwworm (a mosca-da-bicheira, *Cochliomyia hominivorax*) em rebanho dos EUA desde 1966. A amostra veio de um bezerro de três semanas em La Pryor, no sul do Texas, e foi confirmada pelo laboratório nacional do USDA em Ames, Iowa. A praga avançou pelo México ao longo do último ano até cruzar a fronteira.

A bicheira deposita ovos em ferimentos de animais vivos; as larvas se alimentam do tecido do hospedeiro e podem matá-lo. O ponto relevante para a cadeia: **a praga ataca o animal vivo, não a carne**. Não há, portanto, questão de contaminação do produto nem risco sanitário para o consumidor — o **risco é de perdas de rebanho e de produtividade no campo**.

A secretária de Agricultura, Brooke Rollins, afirmou que o USDA acredita poder conter o caso. A resposta segue o protocolo histórico que erradicou a praga nos EUA: zona infestada de 20 km, quarentena, controle de movimentação, vigilância e liberação acelerada de moscas estéreis. Estimo perdas econômicas de até **US\$1,8b Est.** caso a praga se dissemine no Texas, cuja pecuária movimenta **US\$15b**.

**Por que importa para o boi americano?**

A notícia chega no pior momento do ciclo do gado. O rebanho americano está no menor nível em 75A — 86,2 milhões de cabeças em 1/Jan de 2026, o **menor desde 1951** —, resultado de secas prolongadas, custos altos e consolidação. Os preços do boi gordo e do bezerro bateram recordes em 2025 e seguem elevados em 2026.

A fronteira com o **México**, de onde vinha **62%** das importações de boi vivo dos EUA entre 2020-24, está **fechada para gado vivo desde Mai/25** justamente devido ao avanço da bicheira. Um surto interno **aprofundaria a escassez de animais** e prolongaria o trough de margem dos frigoríficos americanos, que já disputam oferta curta. A reação inicial do mercado foi volátil: os futuros de feeder cattle oscilaram e as ações de JBS e Tyson recuaram no pregão.

**Exposição da JBS: Grande em receita, pequena em EBITDA no boi dos EUA**

A operação de boi norte-americana (JBS Beef North America) é a maior linha de receita do grupo, mas a de pior rentabilidade. Em 2025 ela representou 32% das vendas e ainda assim registrou EBITDA ajustado de -US\$319m (margem de -1,1%). O quadro piorou no início de 2026: no 1T26, a receita subiu para US\$7,2b (+11,6% a/a), mas o resultado operacional ajustado foi de -US\$279m, e o EBITDA dos últimos 12M caiu para -US\$486m (margem de -1,7%).

JBS Beef North America	2025	1T26
Receita líquida (US\$ mn)	—	7.167 (+11,6% a/a)
EBITDA ajustado (US\$ mn)	(319)	(486)
Margem EBITDA	-1,1%	-1,7%

Fonte: Release 1T26 JBS

O contraponto, no entanto, é a diversificação. Mesmo com o boi dos EUA no vermelho, Seara, Pilgrim's Pride, JBS Brasil, JBS USA Pork e JBS Australia sustentaram o resultado consolidado, com todas (exceto JBS Brasil) com margens de dois dígitos (faixa de 11-17%). Por isso a JBS fechou 2025 com US\$86,2b de receita (+11,7% a/a), EBITDA ajustado US\$6,8b (margem de 8%) e ROE de 25,3%.

Unidade de negócio	% da receita líquida 2025
JBS Beef North America (boi EUA/Canadá)	<b>32,1%</b>
Pilgrim's Pride (frango/preparados)	21,1%
JBS Brasil	17,5%
Seara	10,5%
JBS USA Pork (suínos)	9,6%
JBS Austrália	9,2%

Fonte: Release 1T26 JBS

Indicador (US\$ mn, IFRS)	2024	2025	1T26
Receita líquida	77.183	86.184	21.609
EBITDA ajustado	7.192	6.831	6.437
Margem EBITDA	9,3%	7,9%	7,3%
Lucro líquido	1.767	2.024	221
LPA (US\$)	1,65	1,89	—
ROE (UDM)	22,1%	25,3%	24,1%
Dív. líq./EBITDA	2,1x	2,4x	2,8x

Fonte: Release 1T26 JBS

A alavancagem subiu para 2,8x no 1T26 (+0,4x t/t), ainda dentro da zona de conforto da companhia, que mantém o **(i)** pagamento de dividendos — cerca de US\$1,1b (US\$1/ação) a ser pago em 17/Jun — e o caso de **(ii)** inclusão em índices americanos após a listagem na NYSE.

### Leitura para a tese

Vemos a notícia como negativa marginal para a JBS, e não como ruptura. Os vetores:

**(1) Impacto direto pequeno e já no preço da operação fraca.** A bicheira pressiona a unidade de boi dos EUA, que já dá prejuízo. Um surto que prolongue a escassez de gado mantém o frigorífico americano comprimido, mas essa unidade contribui pouco (ou negativamente) para o EBITDA do grupo;

**(2) Diversificação como amortecedor.** Frango (Pilgrim's, Seara), suínos e as operações de boi fora dos EUA seguram o resultado. A tese estrutural de que o motor de lucro está fora do boi americano sai reforçada, não enfraquecida;

**(3) Possível efeito positivo em Brasil e Austrália.** Oferta americana ainda mais curta tende a elevar a demanda por importação e os preços de exportação, beneficiando boi brasileiro e australiano — exatamente onde a JBS tem margens altas;

**(4) Contenção é o cenário-base.** A técnica da mosca estéril já erradicou a praga nos EUA antes, e o USDA agiu rápido. Não é evento de contaminação de produto. O risco maior seria disseminação ampla e demorada, que ainda não é o caso.

### Risco de restrições asiáticas: Baixa probabilidade, impacto assimétrico

A hipótese de que Japão, Coreia do Sul e China imponham embargo à carne americana tem lógica superficial, mas **diverge da biologia do parasita**. A bicheira infecta animais vivos por contato com ferimentos; não é doença zoonótica e não se transmite pela carne processada, resfriada ou congelada. Isso **retira do tabuleiro o cenário de restrição à carne bovina** destinada ao consumo humano.

Os três países têm protocolos sanitários rígidos e histórico de reações rápidas — a Coreia do Sul suspendeu importações de carne americana durante o BSE em 2003 — mas naquele caso havia risco confirmado ao consumidor final. Aqui não há.

O risco comercial deve ser mais estreito: se o USDA ampliar as zonas sanitárias, países importadores podem suspender certificados de estabelecimentos específicos nessas regiões como precaução protocolar. Seria localizado e temporário, não um embargo nacional.

O efeito líquido para os exportadores brasileiros seria positivo. Oferta americana comprimida + eventual redirecionamento de compradores asiáticos ampliam o espaço para carne brasileira, exatamente onde JBS Brasil e JBS Austrália operam com margens positivas.

### O que monitorar?

---

- (1) Novos casos e o ritmo de contenção pelo USDA (raio da zona infestada, eficácia das moscas estéreis);
- (2) Futuros de feeder e live cattle na CME e o spread de margem do frigorífico de boi nos EUA;
- (3) Status da fronteira com o México para gado vivo e eventual ampliação de restrições;
- (4) Trajetória de margem da JBS Beef North America nos próximos resultados e a evolução da alavancagem (2,8x no 1T26);
- (5) Reação de Japão, Coreia do Sul e China: eventual suspensão de certificados de estabelecimentos em zonas afetadas e o volume representativo nas exportações americanas para a região.

### E se o surto fosse no Brasil, o risco de embargo seria o mesmo?

---

**Não.** O cenário seria diferente e, possivelmente, mais severo para o Brasil. A bicheira é nativa da América do Sul e **já é endêmica no território brasileiro**. O MAPA a monitora e os produtores a tratam há décadas. O que criaria risco de embargo não seria um caso isolado, mas uma notificação formal de surto que **países importadores usassem como pretexto sanitário**. É exatamente aí que o Brasil diverge dos EUA.

China, Japão e Coreia do Sul têm histórico de usar incidentes sanitários contra o Brasil com uma agressividade que não aplicam aos americanos. A Operação **Carne Fraca em 2017** levou China e outros 20 países a suspenderem importações em questão de dias. Em **2021**, a China voltou a embargar o boi brasileiro por um caso de **BSE atípico** — evento que os próprios protocolos internacionais classificam como baixo risco.

Acredito que duas razões estruturais tornam o Brasil mais vulnerável: **(i)** concentração de destino e **(ii)** peso político. Cerca de 60-70% das exportações brasileiras de boi vão para a China. Os EUA têm capacidade de pressão que o Brasil simplesmente não tem frente a esses mercados. Para o Brasil, o risco de embargo seria maior, não pela biologia do parasita, mas pelo histórico e pelo desequilíbrio nas relações comerciais.

### O surto aumenta a probabilidade de Trump remover a tarifa restante sobre a carne bovina importada?

---

**Não materialmente** e, ainda, o efeito líquido pode ser o oposto. O argumento econômico existe: rebanho mínimo em 75A somado à pressão da bicheira gera escassez, o que criaria motivo para abrir importações e aliviar preços. Mas a **lógica política vai na direção contrária**. A base de Trump no agronegócio são os **pecuaristas**, o grupo que se beneficia de preços altos do boi e **se opõem a qualquer liberalização de boi importado**. Cortar tarifas em meio a um surto sanitário doméstico seria lido pelo eleitorado rural como favorecimento de frigoríficos sobre o produtor.

Porém, ponto que o contraponto existe. Se os preços ao consumidor dispararem a ponto de virar pauta eleitoral, a **Casa Branca pode ceder via suspensão tarifária pontual**. Mas isso exigiria uma escalada visível no varejo, não apenas um caso no Texas. O mais provável, dessa forma, é de que o **incidente reforçaria a narrativa protecionista** — proteger o rebanho americano de pragas externas — e reduziria marginalmente a probabilidade de liberalização. Acredito que a remoção de tarifas sobre boi seguirá a lógica de negociações bilaterais, não de um evento sanitário pontual.